

# REPRESENTANDO A AMÉRICA LATINA POR MEIO DA ARTE PRÉ-COLOMBIANA

a semântica estrutural e histórica da alterização<sup>1</sup>

João Feres Júnior<sup>2</sup>

**Resumo:** A América Latina é frequentemente representada por imagens de artefatos e obras de arte pré-colombianas em capas de livros e em outros materiais produzidos pelos Latin American studies. Este artigo tenta mostrar que há uma forte ligação entre esse tipo de representação e a semântica do conceito de América Latina em inglês, tanto na linguagem comum quanto no discurso das ciências sociais. Argumento que a representação pré-colombiana reproduz os três principais componentes semânticos do conceito de América Latina, racial, cultural e temporal, de maneira poderosa e sintética. Por fim, os resultados da presente análise são avaliados à luz de algumas contribuições à teoria pós-colonial, estudos de cultura visual e teoria de imagens.

**Palavras-chave:** América Latina, história conceitual, Estados Unidos, estudos de área, modernização.

**Abstract:** Latin America has often been represented by images of pre-Columbian artifacts and artwork on book covers and in other printed materials produced by Latin American studies. This article tries to show that there are strong connections between this type of representation and the semantics of Latin America both in everyday English language and in the discourses of the social sciences. The author argues that the pre-Columbian representation reproduces the three aspects of Latin America's othering in a powerful and synthetic way.

**Keywords:** Latin America, conceptual history, United States, area studies, modernization theory.

---

<sup>1</sup> Esse texto foi primeiramente publicado como artigo na revista *Theory, Culture and Society* (Feres Júnior, 2009).

<sup>2</sup> Instituto de Estudos Sociais e Políticos. Universidade Estadual do Rio de Janeiro (IESP-UERJ). E-mail: [jferes@iesp.uerj.br](mailto:jferes@iesp.uerj.br)

## 1. Introdução

De 1966 a 2002, ou seja, por 36 anos, o *Latin American Research Review* (LARR), periódico de referência dos *Latin American Studies* no mundo de língua inglesa e publicação oficial da *Latin American Studies Association* (LASA), apresentou uma capa muito interessante. Nela, o título da publicação vinha entre duas figuras com traços pré-colombianos explícitos mesmo para olhares menos experientes. Obviamente, essas figuras estavam ali investidas com a função comunicativa de representar a América Latina. Curioso de saber as razões pelas quais haviam sido escolhidas para a capa do periódico, enviei uma mensagem para um dos editores da LARR perguntando sobre seu significado. Após alguns dias, uma resposta gentil chegou à minha caixa de e-mail explicando que a figura do topo, sobre uma esteira de palha, era uma mulher Asteca e a figura de baixo era um mensageiro real Inca, conhecido em quíchua como *chasqui*. Minha intuição foi confirmada: eram, de fato, imagens de arte pré-colombiana.

A parte mais interessante da resposta do editor, entretanto, não foi a identificação das imagens, mas a forma como ele se referiu a elas como “duas das grandes civilizações pré-colombianas do hemisfério ocidental: os Impérios Inca e Asteca”. Isto levantou outras questões em minha cabeça. Senti que havia algum significado oculto naquela resposta, que eu ainda não conseguia entender completamente. À época, início de 2001, eu estava conduzindo uma pesquisa sobre o conceito de *Latin America* nos Estados Unidos, com foco nos discursos sociocientíficos produzidos pela literatura dos *Latin American Studies*. Com o progresso deste trabalho e o aprofundamento de meu conhecimento teórico sobre o tema, a resposta do editor começou a fazer mais sentido, e eu comecei a perceber como aquele tipo de representação - a arte pré-colombiana - poderia funcionar como modo de demonstrar, de maneira poderosa e sintética, uma percepção de *Latin America* difundida na sociedade norte-americana, incluindo nos *Latin American Studies*.

Neste artigo, pretendo desvendar as conexões entre a representação pré-colombiana e alguns discursos importantes sobre a *Latin America*, articulados tanto no inglês cotidiano quanto nas linguagens sociocientíficas. Começarei apresentando evidências de que a representação pré-colombiana da *Latin America* tornou-se bastante disseminada nos atuais *Latin American Studies*. Posteriormente, investigarei a semântica do conceito de *Latin America* tanto no inglês cotidiano quanto no discurso sociocientífico através da análise de materiais textuais e pictográficos, afinal, para entender como o ato de representação que constitui o tema

deste estudo é realizado, precisamos primeiro compreender a semântica do conceito de *Latin America* em uma perspectiva histórica, isto é, desvendar os significados que estiveram comumente associados a ele através do tempo. Com esta informação em mãos, a hipótese principal deste artigo – de que a representação da arte pré-colombiana pode funcionar como um significador poderoso e sintético de *Latin America* – pode ser, então, profundamente examinada e justificada. Finalmente, concluirei estabelecendo conexões entre o presente trabalho e a teoria pós-colonial, estudos de cultura visual e de teoria da imagem.

## 2. Representação pré-colombiana de *Latin America*

A hipótese de que a representação pré-colombiana de *Latin America* se tornou difundida entre os *Latin American Studies* deve ser sustentada por evidências empíricas. Entretanto, não é fácil produzir este tipo de evidência em um campo institucionalizado de pesquisa tão amplo, formado por associações acadêmicas, periódicos, coleções de livros, cátedras, programas e departamentos universitários, financiamento público e privado de pesquisa e ensino, etc., cada um deles produzindo seus próprios textos e, por vezes, representações pictográficas de *Latin America*. É claro que algumas evidências indicativas podem ser mencionadas de imediato, como o uso da representação pré-colombiana na capa de trabalhos de grande circulação, como *Latin American civilization: history and society, 1492 to the present* (2000), de Benjamin Keen, ou *Latin American politics and development* (2000), de Howard Wiarda e Harvey Kline, ou ainda alguns menos conhecidos como *The Latin Americans: understanding their legacy* (1997), de Randall Hansis.

Evidências mais sistemáticas também podem ser apresentadas. Enquanto estive presente no XXIII Congresso Internacional da *Latin American Studies Association* (LASA), em Washington, 2001, recolhi uma série de catálogos de publicações de editoras acadêmicas na feira da conferência, que ocupou um grande salão no hotel onde ocorreu o evento. Lá, cada editora possuía um estande com seus livros sobre *Latin American Studies*, e diversos materiais promocionais à mostra, como folhetos, catálogos, *flyers*, etc.. Ainda que as capas dos livros possuíssem estilos variados, os catálogos representavam *Latin America* de maneira muito similar. Estas são as imagens encontradas nas capas dos catálogos de coleções de *Latin American Studies*:

- Cornell University Press: arte pré-colombiana;
- University of California Press: arte pré-colombiana;
- Routledge: relevo em pedra asteca;
- Rowman & Littlefield Publishers: arte asteca;
- University Press of Florida: estátua pré-colombiana;
- University of Alabama Press: arte asteca;
- Smithsonian Institution Press: fotografia de um índio sul-americano;
- University of Indiana Press: fotografia de uma indígena com produtos agrícolas;
- Stanford University Press: fotografia de uma menina indígena;
- North-South Center Press/University of Miami: fotografia de crianças indígenas com vestes tradicionais;
- Rutgers University Press: menina negra em um local parcialmente rural;
- Smithsonian Institution Press: mulher negra, provavelmente escrava.

A representação pré-colombiana também foi usada em materiais produzidos por outras instituições acadêmicas que trabalham com *Latin America*, e que também podem ser consideradas parte do *establishment* dos *Latin American Studies*, como os seguintes folhetos:

- The Woodrow Wilson International Center for Scholars: arte pré-colombiana;
- The Congress of Latino Psychology: arte pré-colombiana.

É importante destacar que, além de essas editoras acadêmicas estarem entre as que possuem mais prestígio e atividade na área dos *Latin American Studies*, os catálogos listados acima constituem 90% dos catálogos disponíveis na feira de livros. Por que a representação pré-colombiana é tão difundida? De que maneira ela expressa o conceito da *Latin America*? Ou melhor, que conteúdos ela comunica na sua função de símbolo da *Latin America*? Outras questões relacionadas também podem ser levantadas. As outras figuras presentes na amostra (crianças indígenas, mulher indígena e mulher e menina negras) estão de alguma forma relacionadas ao tipo de representação realizada pela arte pré-colombiana? Para tentar responder a estas perguntas, precisamos avaliar a semântica de *Latin America* na sociedade norte-americana como um todo e, mais especificamente, nos discursos sociocientíficos.

### 3. *Latin America* na linguagem cotidiana

O duplo viés proposto aqui – analisar tanto a linguagem sociocientífica como a linguagem cotidiana – merece uma melhor justificativa. Sobre a primeira parte, a justificativa é mais óbvia: o foco deste artigo é a representação pré-colombiana de *Latin America* exibida em catálogos de coleções de livros sobre *Latin American Studies*. Assim sendo, estabelecer uma relação com o que está escrito nos livros, ou de maneira mais geral, com os discursos sociocientíficos sobre *Latin America* produzidos pelos *Latin American studies* parece ser uma medida analítica evidente e necessária. Mas por que relacionar a representação também com a semântica de *Latin America* na linguagem comum? Porque catálogos e capas de livros que contém imagens geralmente chamam a atenção de um público mais abrangente do que aquele composto apenas de especialistas. Leitores especialistas estão frequentemente mais interessados no conteúdo do que em capas coloridas com imagens apelativas. Mas este pode não ser o caso dos leitores não especialistas.

Além disso, os discursos dos *Latin American Studies* não ocorrem isolados. Eles possuem um ambiente sociopolítico com o qual geralmente se comunicam, através de artigos de jornais, palestras, aulas para alunos de graduação, linhas de auxílio financeiro para pesquisas, textos para leitores em geral, e este ambiente se utiliza da linguagem comum. Os conceitos apropriados pelas ciências sociais, como cidadão, democracia, sociedade, política, e também *Latin America*, já existiam na linguagem cotidiana antes de serem absorvidos pelo vocabulário “técnico” da academia. Sendo assim, compreender a tensão (caso ela exista) entre a semântica de um conceito na linguagem especializada e na comum pode ser uma forma produtiva de verificar a contribuição específica do discurso sociocientífico na formação de visões de mundo, instituições e políticas. Além disso, esta tensão é em parte gerada pelos diferentes parâmetros morais e políticos que governam cada domínio linguístico. Enquanto a linguagem comum, na sua existência prática, cotidiana, é explicitamente carregada de preconceitos e estereótipos, a retórica sociocientífica, particularmente a norte-americana, se apresenta como um conhecimento objetivo e livre de valores – posição da qual, inclusive, pretende derivar sua legitimidade social.<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Uma perspectiva histórica geral do cientificismo e do positivismo nas ciências sociais americanas encontra-se em Ross (1991). Gunnel (1986, 1993) e Ball (1993) tratam de maneira muito crítica a questão da neutralidade valorativa na ciência política, enquanto Pakenham (1992) defende abertamente sua escolha pelo campo dos *Latin American Studies*, visto que tal neutralidade é, segundo ele, um emblema do jeito americano de fazer ciências sociais.

A análise da semântica de *Latin America* na linguagem do inglês cotidiano falado nos Estados Unidos em uma perspectiva histórica mostra que o conceito vem sendo usado frequentemente como um contraconceito assimétrico de *America* (esta entendida como Estados Unidos). Reinhart Koselleck define contraconceitos assimétricos como díades conceituais dicotômicas, utilizadas para denotar identidades coletivas nas quais um elemento da díade é adotado por um grupo como sua identidade, e construído na forma de um conjunto de atributos positivos, enquanto o outro elemento é utilizado para se referir àqueles que não pertencem ao grupo nomeador, dotando-os de características diametralmente opostas àquelas auto-atribuídas pelos nomeadores (Koselleck, 1985). O adjetivo “assimétrico” denota que a ação de nomear parte apenas de um dos lados, o do grupo nomeador, enquanto os que recebem a nomeação estão ou na margem da política e da sociedade da comunidade nomeadora ou até mesmo excluídos dela. Koselleck examina três exemplos históricos desta formação conceitual: gregos/bárbaros, cristãos/pagãos e arianos/não arianos. Revendo esta contribuição sob a luz da teoria do reconhecimento, eu mostrei em outro trabalho (2006) que os contraconceitos assimétricos possuem uma estrutura semântica profunda que escapou à análise de Koselleck dos três casos históricos.<sup>4</sup> Reconstruindo a narrativa histórica dos pares cristãos/pagãos e arianos/não arianos, identifiquei três núcleos temáticos que concentram oposições semânticas assimétricas. São eles:

- oposição assimétrica cultural: o outro é definido como possuidor de hábitos, valores e instituições que são o oposto (negação) daqueles do eu coletivo;
- oposição assimétrica temporal: o outro é definido como pertencente a um tempo diferente daquele do eu coletivo nomeador, ou como não sendo sincrônico ao seu próprio presente – uma operação que Johannes Fabian (1983) denominou *lack of coevalness*;
- oposição assimétrica racial: o outro é definido como sendo inferior ou deficiente, em aspectos físicos e/ou psicológicos, em relação ao eu coletivo nomeador. O importante é notar que o elemento racial é tomado como marca indelével que determina o outro.

---

<sup>4</sup> O desenvolvimento teórico completo de minha teoria da contraconceituação assimétrica encontra-se em Feres Júnior (2006), e sua aplicação mais detalhada à história do conceito de América Latina pode ser encontrada em Feres Júnior (2005a) ou em Feres Júnior (2008), as edições brasileira e espanhola de meu livro sobre a história do conceito de *Latin America* nos Estados Unidos, respectivamente. Uma versão curta e preliminar deste estudo foi apresentada em Feres Júnior (2005b). Nenhum desses materiais trata diretamente da questão da representação pré-colombiana de *Latin America*.

Casos históricos de contraconceitualização assimétrica não necessariamente contêm todos os três tipos de oposição, mas sempre que essas díades conceituais ocorrem, seu campo semântico é composto por um ou por uma combinação de dois ou três deles.<sup>5</sup> Há evidência suficiente para demonstrar que, no inglês cotidiano, *America/Latin America* formam um par de contraconceitos assimétricos ou, em outras palavras, que *Latin America* é quase sempre percebida como possuindo atributos opostos aos que definem a autoimagem coletiva da *America* (Estados Unidos). Além disso, o campo semântico de *Latin America* no inglês cotidiano contém todas as três formas de oposição assimétrica: cultural, temporal e racial. Infelizmente, este artigo não possui espaço para uma análise histórica completa da evolução semântica do conceito de *Latin America* nos Estados Unidos.<sup>6</sup> Portanto, irei me limitar a apresentar a evidência indicativa.

*Latin America* é uma expressão que começou a ser usada em inglês apenas na virada do século XX (Simpson; Profitt, 1997) e foi adotada como sinônimo de *Spanish America*, um termo que estivera em uso por pelo menos cem anos. O estudo da história do conceito requer uma certa dose de onomasiologia – a análise de palavras relacionais ao conceito, particularmente de sinônimos, antônimos e termos com campos semânticos similares. Desta maneira, *Spanish America* é uma escolha óbvia para iniciar a análise, uma vez que, de acordo com o *Oxford English Dictionary*, foi o termo mais utilizado para se referir aos vizinhos hemisféricos dos Estados Unidos até o início do século XX. Evidência da semântica de *Spanish America* no início do século XIX pode ser encontrada, por exemplo, em uma carta datada de 1821, escrita por John Adams:

[...] um governo livre e a religião católica romana não poderão jamais coexistir, em qualquer país ou nação. Consequentemente, qualquer projeto de conciliar essas duas coisas na velha ou na nova Espanha é utópico, platônico e quimérico. Presenciei tamanha prostração e prostituição da natureza humana em favor dos clérigos na velha Espanha que formei minha opinião sobre o assunto, há muito tempo. E é de meu entendimento que na nova Espanha as coisas são ainda piores, se isso é possível. (Feres Júnior, 2005a, p. 57)<sup>7</sup>

Aqui há um claro exemplo de oposição assimétrica cultural, com *Spanish America* (nova Espanha) sendo implicitamente colocada em oposição a *America*, e sendo culpada por possuir

---

<sup>5</sup> Por exemplo, no caso do par grego/bárbaro, a oposição assimétrica cultural é claramente dominante, já que os bárbaros eram de fato percebidos como destituídos da “boa” língua, de hábitos e de instituições que os gregos atribuíam a si mesmos, enquanto percepções de diferença racial e deslocamento temporal, embora não completamente ausentes, não tinham um papel importante na sua definição (Feres Júnior, 2006).

<sup>6</sup> Tal análise pode ser encontrada em Feres Júnior (2008).

<sup>7</sup> De Adams para Jefferson, 3 de Fevereiro de 1821 (ver Cappon, 1988:571).

os valores culturais deturpados derivados da religião católica. Nesta passagem de John Calhoun, de 1848, outro elemento é adicionado à imagem:

Nunca sonhamos incorporar à nossa União qualquer raça senão a caucasiana – a raça branca livre. Incorporar o México seria algo como incorporar uma raça de índios, pois metade dos mexicanos são índios e o resto é composto principalmente de tribos mestiças [mixed tribes]. Eu veementemente protesto contra essa união! O nosso, meus senhores, é o governo da raça branca. As maiores desgraças de Spanish America advêm do erro fatal de terem colocado essas raças escuras [colored races] em pé de igualdade com a raça branca. (Feres Júnior, 2005a, p. 63-64)<sup>8</sup>

A oposição assimétrica racial aparece aqui em uma comparação explícita com os Estados Unidos. Deve-se ressaltar que, enquanto o elemento positivo da comparação é claramente definido como “a raça branca livre”, o elemento negativo é apenas o oposto do branco, isto é, o não-branco, seja ele índio ou mestiço. Um elemento temporal foi incluído na conceitualização de *Spanish America* com o advento da ideologia do Destino Manifesto, que surgiu por volta da metade do século XIX e se tornou uma base do discurso nacionalista norte-americano, como pode ser percebido na passagem abaixo, na qual o senador Albert Beveridge comenta sobre o destino das antigas colônias espanholas depois da Guerra Hispano-Americana de 1898:

Deus não preparou os povos anglófonos e teutônicos por mil anos para nada além da autocontemplação e da autoadmiração vãs e inúteis. Não! Ele nos fez mestres organizadores do mundo para estabelecer um sistema onde reina o caos. Ele nos deu o espírito do progresso para sobrepujarmos as forças da reação por toda a terra. Ele nos fez adeptos do bom governo para que possamos administrá-lo aos povos selvagens e senis. Não fosse por tal força, esse mundo se afundaria no barbarismo e nas trevas. E, de toda nossa raça, ele marcou o povo americano como Sua nação escolhida para finalmente liderar a regeneração do mundo. Essa é a missão divina da América, e ela reserva a todos nós todos os proventos, toda a glória e toda a felicidade possível ao ser humano. Nós somos os depositários do progresso mundial, os guardiões da paz virtuosa. (Feres Júnior, 2005a, p. 66)<sup>9</sup>

Nesta passagem, o tom temporal é dado pela combinação de elementos seculares, como progresso e bom governo, com elementos teológicos, como desejo de Deus, missão e regeneração do mundo. As três formas de oposições assimétricas também são encontradas em representações pictográficas de *Spanish* e *Latin America*, desde a virada do século XX até os

---

<sup>8</sup> Congressional Globe, 4 January 1848, pp. 96–9. Apud Schoultz (1998).

<sup>9</sup> Congressional Record, 9 January 1900, p. 711. Apud in Schoultz (1998).



anos 1970, como John J. Johnson documentou extensivamente em seu trabalho *Latin America in caricature* (1980). O desenho da imagem 1 é apenas um exemplo.

**Imagem 1: “Room for all, if they’re careful”**

Caricatura de William Allen Rogers, publicada no *New York Herald*, 1904 (JOHNSON, 1980).



Nela, os Estados Unidos são representados por um adulto, Theodore Roosevelt, que exerce comando sobre crianças, que representam as repúblicas da *Latin America*. A imagem da criança neste contexto é um marco temporal claro que denota imaturidade e, conseqüentemente, irracionalidade, falta de responsabilidade, e isto justifica o fato de o personagem maduro, o presidente dos Estados Unidos, estar disciplinando os outros personagens na imagem. O componente racial na figura é bastante óbvio – as crianças são ou negras, ou indígenas, ou mestiças, enquanto o presidente norte-americano é branco. O elemento cultural é dado pela maneira como estão vestidos: enquanto Roosevelt traja roupas esportivas (da época), as crianças usam vestes tradicionais, chapéus “exóticos” e outros acessórios que denotam sua origem não ocidental.

Outra evidência que contribui para a reconstrução da semântica de *Latin America* na linguagem cotidiana é fornecida por uma pesquisa sobre nações feita pelo *Office of Public*

*Opinion Research Survey*, em 1940, na qual se solicitou aos interrogados que escolhessem quais adjetivos, segundo eles, melhor poderiam descrever os *Latin Americans*. Os resultados estão expostos na tabela 1<sup>10</sup>. Com a exceção de “amigável”, todos os atributos da coluna da esquerda são negativos. O adjetivo mais comum escolhido pelos interrogados foi “pele escura”, atributo que, interessantemente, denota nem negro nem indígena, mas uma característica genérica de ser não-branco. Tal dado se encaixa perfeitamente na definição de oposição assimétrica racial. A oposição temporal é claramente indicada em “retrógrado”. “Sensível”, “religioso”, “preguiçoso”, “ignorante” e “orgulhoso” também podem ser associados a maneiras de existência e valores pré-industriais e pré-modernos que, assim sendo, carregam uma conotação temporal. Por outro lado, “sensível”, “retrógrado”, “religioso”, “preguiçoso”, “ignorante” e “sujo” podem ser percebidos como características derivadas da cultura, uma cultura oposta à imagem de autocontrole, racionalidade e industrialização protestantes.

Claramente, todos estes elementos negativos podem ser alternativamente derivados da percepção básica de inferioridade racial, mas não seria prudente tentar interpretá-los de maneira mais taxativa, uma vez que os resultados da pesquisa não oferecem elementos contextuais. É importante notar, entretanto, que os mesmos elementos semânticos que apareceram em outros locais – em discursos de políticos e de figuras públicas, assim como em imagens – também estão presentes aqui: oposição semântica temporal, cultural e racial.

**Tabela 1: Quais os adjetivos que melhor definem *Latin Americans*?**

Pele escura	80%	Criativos	23%
Irritadiços	49%	Sagazes	16%
Sensíveis	47%	Inteligentes	15%
Religiosos	45%	Honestos	13%
Retrógrados	44%	Corajosos	12%
Preguiçosos	41%	Generosos	12%
Ignorantes	34%	Progressistas	11%
Suspeitos	32%	Eficientes	5%
Amigáveis	30%	Sem resposta	4%
Sujos	28%	Não opinou	0%
Orgulhosos	26%		

---

<sup>10</sup> Na pesquisa, foi solicitado aos entrevistados que descrevessem os habitantes da América Central e do Sul escolhendo a partir de uma lista fixa de 19 palavras. Como as pessoas podiam escolher mais de uma característica o somatório das porcentagens de cada item ultrapassa bastante 100. Para mais informações sobre a pesquisa, ver Cantril (1951).

### ***Latin America* no discurso sociocientífico**

Alguns comentadores sugerem que *Latin American Studies* existem como atividade acadêmica desde o final do século XIX ou início do XX (Berger, 1995, Johnson, 1985, Martz, 1971). Esta reivindicação é um tanto imprecisa. O número de textos acadêmicos sobre temas relacionados aos países ao sul da fronteira dos Estados Unidos publicados em inglês antes da virada do século XX é escasso, e eles não possuem, especificamente, referência a *Latin America*.<sup>11</sup> Ademais, esses extratos não eram nem escritos por especialistas, nem direcionados para um público de acadêmicos profissionais. Em resumo, essa literatura incipiente não pode ser considerada *Latin American Studies* da maneira como os compreendemos hoje: uma atividade profissional amparada por uma extensa rede profissional formada por especialistas, programas universitários, centros de pesquisa, periódicos, editoras, associações, conferências, instituições de financiamento de pesquisas e assim por diante.

Um fato ainda mais importante é que essa literatura não produziu teorias ou abordagens científicas sobre *Latin American Studies*. Portanto, chamá-la dessa forma é um duplo anacronismo: um conceito e uma prática institucional do presente são projetados em um contexto passado no qual eles não existiam. Apenas em 1965, Kalman H. Silvert reclamou da dominação da História nos *Latin American Studies*, acrescentando que apesar de cientistas políticos estarem se interessando cada vez mais pela "área", a maioria dos acadêmicos que trabalhavam com temas políticos na *Latin America* ainda eram historiadores (Martz, 1965, p. 1). De acordo com John Martz, antes da Segunda Guerra Mundial, "estudos de área em geral permaneceram em uma condição deplorável" (1971, p. 75) – uma afirmação com a qual Mark Berger concorda inteiramente (1995, p. 31).

Em sua revisão de literatura, Rosendo Gomes revela que cientistas políticos produziram em média apenas um artigo por ano sobre o tema *Latin America*, de 1920 a 1945 (Gomez, 1967). Essa tendência à negligência foi rapidamente revertida após a Revolução Cubana. Em

---

<sup>11</sup> Buscas pelo termo *Latin America* em títulos de livros publicados antes de 1900 nos catálogos da *Library of Congress* e da *New York Public Library* não produziram resultados, o que confirma a cronologia do termo segundo o *OED*. De acordo com o dicionário, a expressão *Latin America* começou a ser usada no inglês somente na virada do século 20 (Simpson and Proffitt, 1997). O catálogo da *New York Public Library* tem somente seis entradas para livros cujos títulos contêm a expressão *Spanish America* antes de 1900, enquanto a *Library of Congress* tem apenas dez livros deste tipo. No período entre 1900 e 1950, esses números aumentam para dez na *NYPL* e vinte e quatro na *Library of Congress*. Isto parece evidenciar que, apesar de *Spanish America* ter sido o termo preferencial para fazer referência aos vizinhos ao Sul dos Estados Unidos, como o *OED* nos informa, ele nunca se tornou o "tema" de uma literatura extensa, seja ela científica ou não.

1959, o *American Council of Learned Societies* e o *Social Science Research Council* estabeleceram o *Committee on Latin American Studies*, que explicitamente objetivava melhorar a comunicação entre os interessados em pesquisar sobre *Latin America*, planejando futuros desenvolvimentos acadêmicos e administrando doações para pesquisas. O comitê recebeu aporte financeiro adicional da *Carnegie Corporation*, da *Ford Foundation* e do *Council on Higher Education in the American Republics* (Johnson, 1964)<sup>12</sup>. Enquanto o número de cursos oferecidos em universidades sobre *Latin American Studies* manteve-se praticamente o mesmo entre 1949 e 1958, este número já havia dobrado antes de 1969. Esta tendência foi praticamente a mesma em todo o espectro disciplinar – com exceção das cadeiras de sociologia, nas quais os cursos aumentaram quatro vezes (Needler; Walker, 1971). Para completar a consolidação dos *Latin American Studies*, em 1966 foi criada a *Latin America Research Review*, seguida da fundação da *Latin American Studies Association* (LASA) no mesmo ano.

O discurso sociocientífico sobre *Latin America* se diferencia da linguagem cotidiana em diversos aspectos importantes, entre eles a confiança em uma retórica de neutralidade de valores e sua obsessão em apresentar *Latin America* como um objeto coerente e estável. Uma diferença é particularmente significativa para os propósitos do presente artigo: oposições assimétricas raciais estão quase ausentes dos textos produzidos por especialistas dos *Latin American Studies*, enquanto, como vimos, estão difundidas nas fontes linguísticas cotidianas. Por outro lado, oposições assimétricas culturais e temporais são abundantes em todas as abordagens-chave dos *Latin American Studies*: teoria da modernização, estabilização política, estudos do corporativismo – até mesmo em textos publicados hoje em dia. A única verdadeira exceção a esta tendência parecem ser os estudos da dependência. Em textos sociocientíficos, a conexão entre oposições assimétricas culturais e temporais é visível, mas na maior parte dos casos a cultura aparece como fator determinante.

A primeira abordagem a apresentar *Latin America* como um objeto de pesquisa estável foi a teoria da modernização. Mesmo antes da Revolução Cubana, alguns autores já estavam engajados em estimar e capacidade latino-americana de se modernizar. Suas descobertas foram, entretanto, inflexíveis. Por exemplo, John Gillin, um dos primeiros sociólogos a estudar este problema, concluiu que “o conceito da alma comanda [...] e é logicamente e emocionalmente conectado ao estilo de personalismo na *Latin America*”. Devido a estes interstícios de sua espiritualidade, o *Latin American* é incapaz de desenvolver um interesse pelo estudo de coisas

---

<sup>12</sup> Para considerações detalhadas sobre o crescimento dos *Latin American Studies* na década de 1960, ver Berger (1995).

concretas: “a investigação pragmática e empírica de premissas e dados não é de sua natureza nem é motivadora para os *Latin Americans*”. Gillin argumenta que, ao contrário de *Americans*, com seu ponto de vista prático, *Latin America* está “interessada primeiramente em valores espirituais” (Gillin, 1955, p. 492). A mesma espiritualidade que é um empecilho ao pragmatismo no espírito de *Latin America* produz uma afeição por visões de mundo idealistas e transcendentais.<sup>13</sup>

De forma similar, Thomas C. Cochran argumenta, em *Cultural factors in economic growth* (1960)<sup>14</sup>, que empreendedores *Latin Americans* não se comportam de acordo com seus pares norte-americanos. Isto ocorreria porque a cultura de *Latin America* seria desfavorável ao desenvolvimento econômico. O “empreendedor latino” gosta de falar e especular de forma abstrata, mas não gosta de agir. Ele se esforça em obter um *status* social que não é baseado no sucesso de seus negócios, uma prática que o impede de dedicar todos os seus esforços ao progresso econômico. Baseado nas “descobertas” de John Fayerweather, Cochran reivindica que os indivíduos de *Latin America* “colocam mais ênfase nas formas de educação e obediência do que em questões de comportamento” (Fayerweather, 1959). Este diagnóstico apareceu também em outros textos escritos por autores engajados em objetivos similares, incluindo *Elites in Latin America* (1967), de Seymour Martin Lipset, considerado por muitos comentadores o trabalho mais influente da teoria da modernização na *Latin America*.<sup>15</sup> Neste trabalho, é encontrada a seguinte linha argumentativa:

A falha relativa dos países da Latin America em se desenvolverem em uma escala comparável àqueles da América do Norte ou das regiões da Austrália e da Ásia vem sendo entendida como consequência das variações dos sistemas de valores dominantes nestas duas áreas. A descendência de além-mar da Grã-Bretanha aparentemente conferiu a vantagem dos valores derivantes da Ética Protestante [...]. Uma vez que Latin America é católica, ela vem sendo dominada durante séculos por uma elite que recria uma estrutura social congruente com valores feudais. (Lipset, 1967, p. 3)

Neste clássico de 50 páginas, Lipset utiliza 63 vezes o termo “tradicional” para se referir a *Latin America* e suas “qualidades”. De acordo com o autor, a principal causa por trás da

---

<sup>13</sup> Gillin não se preocupa em conduzir trabalho de campo original ou estudos de caso para embasar suas generalizações sobre a *Latin America*.

<sup>14</sup> *Cultural factors in economic growth* (Cochran, 1960) é um bom exemplo de um dos primeiros textos sobre modernização na *Latin America*.

<sup>15</sup> Para uma avaliação geral sobre a teoria da modernização na *Latin America* e o lugar da contribuição de Lipset a esta teoria, ver Mattiace and Camp (1996).

incapacidade latino-americana para o progresso e para a modernização é cultural, mais especificamente o fato de ser católica. Em outras palavras, a oposição assimétrica temporal – *Latin America* não pertencendo ao mesmo estágio histórico de desenvolvimento que o dos Estados Unidos – é explicada por uma oposição assimétrica cultural, o fato de valores católicos serem opostos aos valores da ética protestante dos *Americans*.

O historiador Richard Morse iniciou a tarefa de escrever sobre *Latin America* muitos anos antes do surgimento dos estudos do corporativismo, uma linha de pensamento que adquiriu proeminência na metade da década de 1970. Como as passagens abaixo demonstram, suas ideias não eram muito diferentes daquelas da teoria da modernização:

Uma civilização protestante pode desenvolver suas energias em uma selva sem necessidade de parar, como fez os Estados Unidos. Uma civilização católica fica estagnada quando não está em contato vital com outras tribos e culturas da humanidade. (Morse, 1964, p. 176)

Spanish America continuou a existir como se nenhuma mudança houvesse ocorrido. E na verdade, nenhuma ocorreu. Nada real ou conclusivo parece ter sido adquirido. Ao mesmo tempo, o resto do mundo marchou para frente, progrediu e fez história. Spanish America continuou a ser um continente sem história, sem passado, porque seu passado é sempre presente. (Morse, 1964, p. 169)

Em outras palavras, de acordo com Morse, há uma conexão próxima entre oposições assimétricas temporais e culturais. Uma gama inteira de especialistas em *Latin American Studies*, os estudantes do corporativismo, difundiram a partir dos anos 1970 o diagnóstico de que a paralisia histórica de *Latin America* era causada por sua patologia cultural. Na verdade, na linguagem do corporativismo, valores culturais são geralmente traduzidos por expressões como “instituições” ou “estruturas”, para obter o mesmo efeito: justificar a alteridade radical da cultura de *Latin America* e o seu *lack of coevalness* em relação aos Estados Unidos.

A passagem a seguir, de Howard Wiarda, o autor mais proeminente dos estudos do corporativismo, escrita quase dez anos após a publicação do trabalho de Morse, retoma as ideias do autor:

A mesma orientação e estrutura tradicional hierárquica, corporativa, elitista e autoritária ainda está presente atualmente, modificada pelas mudanças do século XX, mas de forma alguma destruída por elas [...]. A pessoa do governante pode mudar, novos grupos e novas ideias podem vir a ser assimilados e as elites podem se revezar no poder (apesar de isso dar uma aparência de mudança, mais do que uma mudança de substância); mas as

essências da ordem social e política e a base na qual ela se ampara se manterão estáveis. (Wiarda, 1973, p. 223)

Apesar de sua conceitualização similar de *Latin America*, os autores que endossaram os estudos do corporativismo foram frequentemente muito críticos da teoria da modernização. De acordo com eles, tal teoria compreende *Latin America* em termos errôneos, ou melhor, em termos “*American*”, projetando sobre esse “outro cultural” expectativas de desenvolvimento material e institucional que são completamente estranhas às propensões de *Latin America*. Wiarda, por exemplo, critica a teoria da modernização por projetar em *Latin America* um modelo de desenvolvimento europeu e *American*, conseqüentemente negligenciando o fato de que as sociedades latinas são distintas (Wiarda, 1973, p. 208). Outro autor de mesmo viés, Ronald Newton, rejeita a defesa da teoria da modernização de que os setores médios latinos foram uma força reformista na história de *Latin America*. De acordo com ele, este é outro produto da miopia de *Americans*, baseada em “premissas derivadas da cultura em relação ao comportamento ‘natural’ de classes médias maduras”. Ele argumenta que, na verdade, esses setores médios estiveram atados às mesmas práticas corporativistas particulares que dominaram a sociedade de *Spanish America*, e por isso seriam incapazes de produzir uma “solidariedade horizontal” (Newton, 1970, p. 1-2).

Em resumo, duas abordagens, o mesmo diagnóstico, mas duas conclusões diferentes. Enquanto a modernização prega que o desenvolvimento econômico se daria através de um processo de aculturação no qual a sociedade *Latin American* tradicional se desprenderia de seus valores católicos e absorveria valores modernos, ocidentais e, por vezes, explicitamente *American*, os estudos do corporativismo, na maior parte das vezes, alertaram os leitores de que *Latin America* não poderia ser transformada, que era sempre fiel a sua natureza corporativa (que também significava “paralisia histórica”), chegando a concluir que o autoritarismo seria natural nestas sociedades (Newton, 1974).

Os estudos do corporativismo desapareceram como abordagem sociocientífica por volta da metade da década de 1980, quando os tais países de *Latin America* começaram a adotar regimes liberal-democráticos. Seu determinismo cultural rígido parecia incapaz de explicar por que esses países estavam passando por uma transformação tão “antinatural”. Os *Latin American Studies* se expandiram exponencialmente desde sua “fundação”, nos anos 1960, e desde o fim dos estudos do corporativismo não houve mais uma única abordagem dominando o campo. Contudo, no discurso sociocientífico, *Latin America* manteve a maioria dos significados que a

teoria da modernização e os estudos do corporativismo ajudaram a propagar. Apesar de a análise da semântica do conceito nos vários sub-ramos dos *Latin American Studies* não ser viável aqui, a continuação deste desenvolvimento semântico é prontamente identificada na literatura de livros-texto de introdução aos *Latin American Studies*.

É durante a faculdade que a maioria dos estadunidenses é apresentada ao estudo acadêmico de *Latin America*. A tarefa de introduzir alguém no estudo sistemático de um objeto que também é conceitualizado pela linguagem cotidiana deve ocorrer por meio de um intercâmbio de ideias entre o “conhecimento científico” e as noções mais comuns, isto é, entre a linguagem sociocientífica e a linguagem cotidiana. O exame da literatura de livros-texto de introdução aos *Latin American Studies* revela como preconceitos cotidianos em relação a *Latin America* se relacionam com as concepções sociocientíficas. A educação universitária é uma força importante na difusão do conceito de *Latin America*. Cientistas sociais, escritores, jornalistas, burocratas, pessoas de negócio e outros profissionais que lidam com questões relativas a *Latin America*, na sociedade estadunidense, são educados sobre o seu objeto nas salas de aula das universidades, frequentemente através de cursos de introdução aos *Latin American Studies*, nos quais esses textos são utilizados. Portanto, saber o que é ensinado a estas pessoas é crucial para compreender as percepções e representações sobre *Latin America* presentes nos Estados Unidos. Os elementos semânticos encontrados nas abordagens anteriores ao estudo de *Latin America* também estão presentes no *bestseller*, *Modern Latin America* (2001)<sup>16</sup>, de Thomas Skidmore e Peter Smith. Após apresentar claramente as diferenças culturais entre *Latin America* e Estados Unidos, os autores apontam:

Apesar das diferentes formas de conflito político, antigas estruturas sociais e econômicas persistem. Mesmo onde revoluções modernas aconteceram, como no México (1910) e na Bolívia (1952), muitos aspectos da sociedade tradicional sobrevivem. A Revolução Cubana (1959) aparece primeiramente como uma exceção, mas mesmo em Cuba o fluxo da história continua a ser impactante, como veremos. (Skidmore; Smith, 2001, p. 5)

---

<sup>16</sup> Uma busca por ementas de cursos universitários sobre *Latin America* no Google produziu 202 resultados contendo *Modern Latin America* de Skidmore e Smith. Em segundo lugar ficou *History of Latin America* de Keen e Benjamin, com 54. *Latin America: A Concise Interpretive History* apareceu em terceiro com 28 entradas. *The Changing Face of Latin America* de Winn e Peter foi o quarto com 26 e *Latin American Politics and Development* de Wiarda e Kline foi o quinto com 18.



A expressão “fluxo da história” é o marco temporal responsável por informar os leitores de que, ao contrário dos Estados Unidos, *Latin America* foi presa por seu próprio passado – uma oposição assimétrica temporal. Uma imagem bem similar aparece em outro *bestseller*, *A history of Latin America*, de Keen e Wasserman:

Talvez, para a maioria dos norte-americanos, o passado colonial seja remoto, um tempo pitoresco que possui pouca relevância para a maneira como vivemos hoje. A situação é muito diferente em Latin America [...]. Em Latin America, o passado colonial não é uma memória nostálgica, mas uma dura realidade [...]. Estas características feudais, misturadas a alguns elementos capitalistas, formaram parte do legado espanhol (e português) para Latin America independente e ajudam a explicar a persistência tenaz de algumas instituições anacrônicas atualmente na região. (Keen; Wasserman, 1988, p. 8)

Neste caso, a expressão “fluxo da história” é substituída por “persistência tenaz de algumas instituições anacrônicas”, mas o efeito é o mesmo e a oposição a *America* é ainda mais explícita.

A quinta edição de *Global Studies: Latin America* (1992), de Paul B. Goodwin, ultrapassa os competidores quando se trata de estereótipos. Referências à irracionalidade, que são comuns na linguagem cotidiana e nos escritos dos teóricos da modernização, reaparecem em seu texto:

[...] como em seu ambiente urbano os Latin Americans estão em contato próximo com muitas pessoas, a aparência é importante para eles. Há uma busca constante por prestígio, dignidade, status e honra. As pessoas estão sempre tentando impressionar os outros com seu “valor público”. Por isso, não é incomum ver um trabalhador indo trabalhar vestido de terno, pasta de executivo na mão. Não é incomum ver selvas de antenas sobre os baracos das favelas, apesar de muitas não estarem conectadas a nada. (Goodwin, 1992, p. 4)

A alteridade deste cenário cultural dominado pela aparência e pela irracionalidade também se expressa através de concepções de tempo:

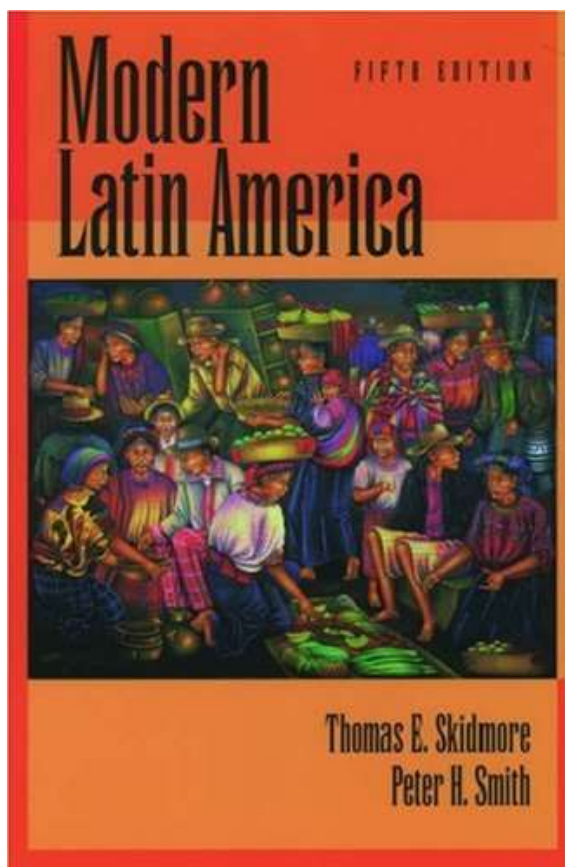
A memória histórica, de uma perspectiva norte-americana ou norte-europeia, é imperfeita. A partir de uma perspectiva Latin American, entretanto, é a percepção do passado que é importante, não importando sua precisão factual. Mito e realidade, aparência e substância, se fundem. (Goodwin, 1992, p. 6)

A comparação entre a semântica de *Latin America* na linguagem cotidiana e no discurso sociocientífico revela descobertas interessantes: em ambas, oposições assimétricas temporais e culturais estão em abundância. Entretanto, é igualmente importante notar que oposições

assimétricas raciais estão praticamente ausentes da segunda forma. Isto é, nos escritos de especialistas em *Latin America*, as patologias cultural e temporal não são explicadas por uma suposta inferioridade racial, um argumento comumente encontrado em representações da linguagem cotidiana.

Contudo, as coisas começam a se diferenciar quando se considera a representação pictográfica na capa de livros atuais de introdução aos *Latin American Studies*. Podemos começar com o *bestseller Modern Latin America*. A capa da quinta edição contém a reprodução de um óleo sobre tela do guatemalteco Mariano González Chavajay chamado *Mercado de noche* (imagem 2). A pintura representa um grupo de 16 pessoas, a maioria delas se dedicando a atividades mercantis em um local que parece ser um mercado de rua. Todos possuem rostos parecidos, de uma coloração marrom cobreado. Muito provavelmente, as pessoas na figura pertencem a um povo indígena guatemalteco. Entretanto, a figura não está representando esse povo na capa do livro – não há referência à Guatemala ou ao seu povo - mas a *Latin America* como um todo.

**Imagem 2: Capa de *Modern Latin America*, quinta edição**



Sempre que os leitores batem os olhos nos livros, são lembrados da aparência de *Latin America*: não branca, indígena, de pele escura. A figura também está repleta de oposições assimétricas temporais, pois os personagens parecem retrógrados, subdesenvolvidos, semirurais, agrícolas, pré-capitalistas aos olhos “modernos”. Oposições assimétricas culturais estão presentes através de elementos como roupas não ocidentais, atividades pré-capitalistas e o fato de os personagens serem facilmente identificados como indígenas. Acrescentando nuances irônicas ao todo, a alusão à paralisia histórica é reforçada pelo contraste entre o título do livro, *Modern Latin America*, e a cena, que parece perfeitamente não moderna – o leitor médio irá facilmente assumir que aquelas pessoas estiveram realizando estas atividades desde um tempo imemorable, uma vez que é quase impossível localizar essa situação em um tempo histórico, e, mesmo assim, esta é a representação de *Latin America* “moderna”.

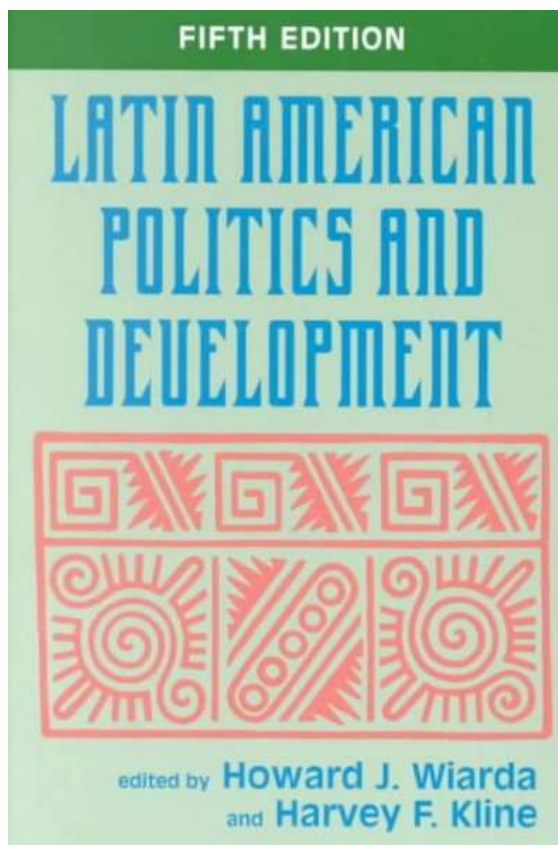
Apesar de *Modern Latin America* ser um *bestseller*, o tipo de representação de *Latin America* em sua capa seria apenas uma evidência anedótica se não fosse corroborada por quase todos os seus competidores no mercado. A capa de *A history of Latin America*, de Keen e Wasserman, contém uma reprodução de um óleo sobre tela intitulado *Revolucionarios*, do muralista mexicano José Clemente Orozco (1930). Esta figura é similar em muitos aspectos à capa de *Modern Latin America*. Entretanto, desta vez as pessoas de pele escura trajam roupas rústicas e portam armas, prováveis alusões à violência, guerra civil e irracionalidade que não são incomuns na literatura dos *Latin American Studies*. A pintura da capa de *Born in blood and fire* (2001), de John Charles Chasteen, também mostra camponeses mexicanos armados, desta vez com um olhar raivoso – uma ilustração perfeita do título e uma síntese poderosa da introdução do livro, que define *Latin America* como uma região dominada pela violência.

*Latin America: a concise interpretive history*, de Burns e Charlip (2001), *A history of Latin America* e *A history of Latin America, volume 2: independence to the present*, de Keen e Haynes (2004), também possuem capas com *Latin Americans* de pele escura vestindo roupas “tradicionais” em locais rurais ou coloniais. Entretanto, nestes casos eles não estão em conflito, mas tocando instrumentos musicais e dançando. Apesar de esta situação parecer melhor, se comparada à das outras capas, estar entregue aos prazeres da música e da dança também alude à irracionalidade, à incapacidade de controlar suas próprias inclinações, impulsos e desejos e à falta de disposição para o trabalho duro – um eco da oposição cultural que permeia a semântica de *Latin America* em inglês.

Ainda há outro tipo de representação de *Latin America* que pode ser encontrado na capa de livros como, por exemplo, a quinta edição de *Latin American politics and development*

(2000), de Howard Wiarda e Harvey F. Kline. Sua capa não representa figuras humanas – de pele negra, parda ou branca – nem cenas, nenhuma peça de roupa nem acessórios, nada do tipo. Há apenas um esquema geométrico monocromático que se assemelha a uma estampa (imagem 3). Apesar da falta dos elementos presentes em outras capas, esta figura é capaz de transmitir sinteticamente as três oposições assimétricas. Em termos culturais, esta ilustração é claramente não moderna, decorativa, e a maioria dos leitores irá atribuí-la imediatamente a uma origem indígena. Os marcadores temporais estão intrinsecamente relacionados às percepções culturais, pois a ilustração parece defeituosa, feita a mão, produto de uma cultura agrícola e rural – subdesenvolvida, em qualquer que seja o nível. Um observador mais experiente poderia até mesmo relacioná-la diretamente a civilizações pré-colombianas. Por último, o elemento racial transmitido pela figura também está relacionado à sua identificação com a origem indígena. O Ocidente branco não produz coisas deste tipo, atualmente. Portanto, esta ilustração poderia ser tanto de culturas primitivas do passado como de culturas não ocidentais (não brancos) do presente.

**Imagem 3: Capa de *Latin American politics and development*, quinta edição**



A capa do livro de Wiarda e Kline nos remete à moda de representar *Latin America* através de artefatos pré-colombianos, ponto de partida deste artigo. Agora nós estamos preparados para responder à pergunta: o que esta prática transmite? Porque ela é tão presente? Minha hipótese é a de que esse tipo de representação se tornou tão comum porque transmite perfeita e sinteticamente os elementos semânticos que estruturaram o discurso sociocientífico sobre *Latin America*, acrescidos do elemento racial que esteve ausente deste nível textual, mas que continuou presente na linguagem cotidiana e nas representações pictográficas utilizadas por toda uma gama importante da literatura sociocientífica: os livros introdutórios.

Mas isto não é tudo. A resposta do editor da LARR me levou a refletir sobre outro elemento, outra mensagem. A *Latin American Studies Association* (LASA) esteve tradicionalmente “à esquerda” do espectro político norte-americano, desde pelo menos o início dos anos 1970<sup>17</sup>. A resposta do editor de fato revela um tom de esquerda, se prestarmos atenção à referência a “duas das grandes civilizações pré-colombianas: os Impérios Inca e Asteca”. Isto

---

<sup>17</sup> Sobre o assunto, ver Pakenham (1992:271).

não é apenas uma afirmação descritiva. Pareceu-me que sua intenção era destacar a grandeza do passado dos *Latin Americans*: o fato de que *Latin America* produzira pelo menos duas grandes civilizações. Mas ele não parece perceber a grande ironia imbutida em sua afirmação. Tal ironia está presente não apenas na afirmação, que traduz perfeitamente o conceito por trás da capa da LARR, mas também em todos os livros, catálogos e outros materiais que representam *Latin America* através de arte e artefatos pré-colombianos: *Latin America* é representada como algo que é explicitamente pré-latino, algo que foi produzido antes do início da colonização do Novo Mundo por Portugal e Espanha.

Na verdade, isto é uma dupla ironia, cultural e temporal: o latino é representando pelo pré-colombiano e a *Latin America* atual é representada por um passado imemorial – asteca, inca, ou genericamente indígena (como na capa de *Modern Latin America*). Assim, através deste tipo de representação, o nome *Latin America* em si é transformado em um oxímoro, um paradoxo, um termo ambíguo no mínimo. Mas a ironia por trás da representação não é infundada nem isenta de significado. Pelo contrário, a representação pré-colombiana sintetiza o diagnóstico de *Latin America* formulado pelos *Latin American Studies*, desde a teoria da modernização até o presente: a experiência histórica *Latin American*, desde a chegada das naus dos ibéricos, tem disso um retumbante fracasso; nada de valor, nenhum progresso, nenhuma liberdade e nenhuma felicidade foram produzidos.

A independência não teria modificado em nada a opressão do povo indígena ou a decadência e estagnação das instituições coloniais. Segundo Skidmore e Smith:

A Conquista iniciou uma tradição de violência política que emergiu em golpes súbitos, assassinados, movimentos armados, intervenções militares e (mais raramente) revoluções sociais. Encontros ideológicos entre liberalismo, positivismo, corporativismo, anarquismo, socialismo, comunismo, fascismo e ensino religioso de todas as nuances doutrinárias moldaram a intensidade do embate. Apesar das diferentes formas de conflito político, antigas estruturas econômicas e sociais persistiram. (Skidmore; Smith, 2001, p. 5)

Em sua condenação da experiência histórica latina, especialistas em *Latin America* tanto à esquerda quanto à direita uniram forças. Mas aqueles à esquerda, a facção dominante, acrescentaram algo: uma identificação politicamente correta com os oprimidos, subalternos, na forma da exaltação do índio, das grandes civilizações pré-colombianas, que estão, na verdade, mortas: elas foram destruídas pelos malvados espanhóis e portugueses. Um dos principais problemas aqui é que esta identificação politicamente correta com os oprimidos tem a função

de ignorar a política atual: como movimentos e grupos sociais, nestes países que estão cobertos pelo rótulo de *Latin America*, conquistaram direitos e voz dentro de suas próprias comunidades nacionais, como eles lutaram por, e conseguiram, reconhecimento de sociedades que estão em constante mudança, e como eles contribuíram para a democratização de seus países.

Negligencia-se o fato de que a maioria dos subalternos e oprimidos na América Latina não são indígenas que vivem em áreas remotas, que falam línguas não ocidentais, que possuem culturas e religiões imemorais e não ocidentais, mas sim habitantes urbanos que são, em sua maioria, cristãos e que falam somente espanhol ou português. Este é um exemplo da precisão política norte-americana se revelando como um discurso inteiramente de acordo com o imperialismo: um discurso que reduz *Latin America* a uma falha incapaz de possuir autonomia moral e política e de ser um agente histórico. Os *Latin American Studies* parecem estar eivados da mesma deficiência histórica que os latinoamericanistas identificam em seu próprio objeto. Será que vão algum dia mudar?

#### 4. Conclusão

Há atributos comuns claros entre o estudo de contraconceitos assimétricos, da forma como ele é proposto aqui, e algumas variedades de teorias pós-coloniais. O complexo cultural do Orientalismo, como Edward Said definiu (1978), ao menos no nível da formação de discurso, pode ser redefinido em termos de um conjunto de contraconceitualizações assimétricas. Ao contrário, as representações de *Latin America* que eu estive examinando são apenas uma pequena parte de uma máquina representativa maior, formada por disciplinas, instituições e sistemas de autoridade que estabelecem *loci* de enunciação privilegiados (universidades, *think tanks*, especialistas políticos etc.). Isto é, a máquina representativa do “*Latin Americanism*” é similar à do Orientalismo. Então por que não escrever este trabalho nos mesmos termos foucaultianos do Orientalismo de Said? Porque há diversas formas de se pelar um gato, como dizem em inglês, e explorar alternativas metodológicas pode ser intelectualmente mais gratificante do que replicar fórmulas já testadas. Além disso, o estudo de contraconceitos assimétricos proposto aqui é diferente da formulação original de Koselleck.

Alguns outros estudos acerca do Orientalismo e de outros contextos coloniais têm paralelos interessantes com o presente esforço. Isto é particularmente verdadeiro se tomarmos os trabalhos de Timothy Mitchell (1998) e de Terry Smith (1998), ambos com enfoque na análise da representação visual do processo colonial. Ao estudar as Exposições Mundiais do

século XIX, Mitchell identificou o aparente realismo das representações orientais, isto é, sua correspondência “estrita” com o mundo externo (Mitchell, 1998, p. 501). No caso das representações de *Latin America* examinado aqui, essa prática também pode ser verificada no uso de ilustrações que seriam “genuinamente *Latin American*” – a capa, deste modo, pretende representar *Latin Americans* da forma como eles próprios se representariam.

Enquanto investigava os “regimes visuais” usados para representar povos aborígenes em mapas europeus e imagens de paisagens da Austrália, Terry Smith identificou três práticas: calibragem, obliteração e simbolização (“*aestheticization*”) (Smith, 1998). Os dois últimos podem ser também aplicados a representação de *Latin America* através das ilustrações pré-colombianas, uma vez que essa representação funciona como um símbolo de todo o continente, ao mesmo tempo em que se esconde do registro visual a vasta maioria do povo cognominado “*Latin American*”.

Os trabalhos de Luz Elena Ramirez (2007) e Ricardo D. Salvatore (2006) lidam com matérias que são, de muitas maneiras, complementares à história do conceito de *Latin America* esboçada aqui. Enquanto trabalhei com a história daquele conceito nos Estados Unidos, com foco nos textos sociocientíficos e na linguagem cotidiana do século XX, Ramirez examinou as representações de *Latin America* na literatura britânica do século XVI ao início do século XX. A autora identifica um processo de oposição binária, similar aos descritos aqui, na forma como escritos britânicos “americanistas” depreciam o colonialismo espanhol e português de modo a representar o colonialismo britânico como o mais humano e civilizado (Ramirez, 2007, p. 23-24). Ramirez adota a noção de “imperialismo informal” para descrever as incursões britânicas na América Latina no início do século XIX, que, de acordo com ela, eram não intervencionistas e motivadas por interesses econômicos em vez de militares (Ramirez, 2007, p. 23-24).

A mesma noção de “imperialismo informal” é usada por Ricardo D. Salvatore para investigar o conhecimento a respeito e as representações da América do Sul produzidos nos Estados Unidos durante o apogeu do pan-americanismo, 1890-1945 (Salvatore, 2006) – um período que a análise presente cobre apenas brevemente, principalmente porque o conceito de *Latin America* ainda não era muito disseminado na língua inglesa. O autor coletou uma variedade de fontes, como imagens das exposições, mapas, fotografias e textos de viajantes, etc., cuja análise iria certamente enriquecer e expandir a história do conceito de *Latin America* nos Estados Unidos. Contudo, há de se anotar que Salvatore se mostra mais interessado em explorar a tese do “imperialismo informal” do que em se dedicar à interpretação de textos e imagens (Feres Júnior, 2008).



Outras variedades de teorias pós-coloniais podem ser usadas para iluminar o presente estudo, ainda que não sem ressalvas. Por exemplo, a análise aqui presente dialoga fortemente com o argumento de Homi Bhabha de que culturas só podem ser colocadas como objetos fixos de conhecimento através de um processo violento de homogeneização, que, por seu turno, operaria por meio funciona da escolha de símbolos e ícones representativos (Bhabha, 1994, p. 20) – um argumento que funde as práticas de obliteração e simbolização, como foram definidas por Smith. De fato, *Latin America* se torna um objeto conhecido através desta operação de nivelamento de experiências vividas por povos diferentes em contextos amplamente diversos. Entretanto, Bhabha também está interessado em mostrar como o discurso colonial falha parcialmente no processo de apropriação pelo colonizado, que sempre o recebe com uma mistura de mimese e escárnio (Bhabha, 1994, p. 115).

Este tipo de argumentação faz surgir questões teóricas do terceiro espaço e do pensamento de fronteira, temas que foram discutidos por diversos autores, incluindo algumas reflexões sobre latinos nos Estados Unidos e identidades subalternas na América Espanhola (Anzaldúa, 1987, Mignolo, 2000). O presente trabalho não trata, entretanto, do problema da resistência. Se o tema fosse a resposta dos chamados “latinos” estadunidenses às representações estereotipadas da *Latin America*, então provavelmente identificaríamos formas de hibridização cultural e até mesmo de essencialização estratégica – do modo definido por Gayatri Chakravorty Spivak (1984, 1985) –, fenômenos encontrados, por exemplo, no trabalho de Coco Fusco (Fusco; Wallis, 2003, Shohat, 1998).

Há pelo menos uma razão importante para não dar proeminência à resistência: a maior parte do desenvolvimento histórico da semântica de *Latin America* ocorreu durante um período no qual os latinos ainda eram uma comunidade relativamente pequena, com pouca influência política nos Estados Unidos. Ao mesmo tempo, os chamados “*Latin Americans*” viviam em contextos nos quais os discursos norte-americanos sobre *Latin America* eram percebidos (quando o eram), em sua maior parte, como um produto estrangeiro que não necessariamente interferia em suas identidades como peruanos, guatemaltecos, argentinos, brasileiros. Entretanto, isto não significa que eles não sofreram as consequências destes discursos, que foram usados para justificar a intervenção política e militar norte-americana (Schoultz, 1998, Smith, 1996), a cooperação com ditadores (Schoultz, 1981), forças políticas repressivas (Huggins, 1998) e organizações de guerrilha militares antidemocráticas e de direita (Berger, 1995).

Uma comparação com o trabalho de Arnd Schneider, *Appropriation as practice: art and identity in Argentina* (2006), ajuda a esclarecer outros aspectos do presente artigo. A originalidade de Schneider reside não apenas no objeto escolhido – a construção de novas identidades por artistas argentinos através da apropriação da arte indígena e pré-colombiana –, mas também em sua abordagem disciplinar, que é uma mistura de teorias antropológicas e pós-coloniais, hermenêutica e estudos de globalização.<sup>18</sup> O autor investiga como a arte indígena (incluindo a pré-colombiana) começou a ser utilizada pela maioria dos artistas não-indígenas da Argentina com o objetivo de desestabilizar a identidade nacional (que é predominantemente branca e europeia) e as representações pejorativas de povos indígenas e construir o que ele por vezes chama de “novas identidades latino-americanas”. Utilizando o conceito de hibridização dos escritos de Néstor García Canclini, ele conclui que essas novas identidades não são essências, mas sim uma mistura de diversos elementos, “uma fonte de fragmentos a partir da qual o artista trabalha” (Schneider, 2006, p. 32).

Schneider fornece evidências inegáveis de que estes artistas eram capazes de empregar representações da arte pré-colombiana e latino-americana com um sentido positivo, uma prática que contrasta com os modos pelos quais estas representações geralmente operam nos Estados Unidos, como mostrei acima. Isto significa que só podemos estudar os significados transmitidos através de representações simbólicas e textuais ao colocá-las no seu contexto próprio e examinarmos as maneiras com que são empregadas – algo que Alfred Gell já havia argumentado a respeito do uso social de objetos de arte (Gell, 1998). No caso de Schneider, o contexto é o ambiente artístico na Argentina e os discursos sobre identidade nacional de artistas e outros setores da sociedade. No meu caso, o contexto é a produção textual e imagética dos *Latin American Studies* e, de forma mais geral, dos discursos sobre *Latin America* presentes na linguagem cotidiana em inglês. Desta forma, presumo aqui que as imagens pré-colombianas em capas de livros e catálogos possuem uma função conceitual, funcionando como símbolos que representam *Latin America* como um todo – esta relação pode ser imediatamente percebida através de uma análise combinada de figuras e títulos dos livros e catálogos.

Como postula Jacques Rancière, “o título de filmes e livros frequentemente cria conexões que conferem significado às imagens” (Rancière, 2009, p. 33). Em parte, há uma relação de ilustração na qual a figura duplica o que está linguisticamente representado no texto, como nos casos de oposições assimétricas culturais e temporais (Kress; Van Leeuwen, 1990, p.

---

<sup>18</sup> Schneider coloca isto de maneira um pouco diferente: “antropologia da arte, antropologia urbana e estudos de etnia/identidade e globalização” (Schneider, 2006:4).

89). Mas há também uma relação na qual as figuras suplementam a informação dada pelo texto, um processo que Roland Barthes chamou de “*relay*” (Barthes; Heath, 1977). Este é o caso da oposição assimétrica racial, que está onipresente nas imagens mas na maior parte dos casos ausente dos textos. É importante deixar claro que não estou tentando negar a argumentação de Foucault de que há uma relação infinita entre imagem e texto (Foucault, 1971). Não pretendo ter exaurido as possibilidades interpretativas abertas pela análise combinada de textos e imagens dos *Latin American Studies*, nem tampouco o potencial representativo da arte pré-colombiana. O presente trabalho explora somente algumas destas possibilidades ainda não profundamente exploradas pela literatura acadêmica.

Teorias da imagem e estudos de cultura visual procuram encontrar ligações entre duas posições epistemológicas extremas: uma que presume a separação entre texto e imagem como “condição a priori sob a qual todas as ideias são formuladas” (Deleuze, 1986, p. 60), e outra que postula que essa separação falha em compreender “a dialética instável e constantemente mutante das práticas de representação, as quais rompem com padrões pictográficos e discursivos” (Mitchell, 1994, p. 83). Não adoto qualquer destas posições, mas sim uma abordagem pragmática de assumir alguma estabilidade na relação entre texto e imagem. Isto é justificado em parte pelo tipo de material examinado neste estudo. Por exemplo, diferentemente da arte conceitual e de trabalhos de arte que contêm textos e imagens, como o material analisado por W. J. T. Mitchell, as imagens usadas pelos *Latin American Studies* não foram compostas com ou para os textos, isto é, elas foram produzidas independentemente e depois reproduzidas nas capas.<sup>19</sup> Deste modo, sem excluir a possibilidade de instabilidades e mudanças semânticas, é razoável assumir que essas imagens têm uma função representativa que não é inteiramente banida por um processo análogo à *différance* de Jacques Derrida, e que esta função pode ser apreendida, mesmo que imperfeitamente.

Alguns podem argumentar que as figuras nas capas de livros e catálogos não são escolhidas pelos próprios autores, mas pelos editores das editoras acadêmicas. Isto é certamente verdadeiro e só ajuda a reforçar estratégia analítica de não tomar a representação derogatória de *Latin America* como produto da perspectiva de um autor ou grupo de autores, mas sim de estudá-la como discurso produzido por uma atividade institucionalizada conhecida como *Latin*

---

<sup>19</sup> Os Astecas, Maias e Incas que produziram aqueles desenhos e objetos não poderiam de modo algum ter a *Latin America* em mente, tendo em vista que o próprio conceito era impensável naquele tempo. Muito provavelmente, nem Mariano González Chavajay nem os muralistas mexicanos, cujas obras foram usadas nas capas dos livros, estavam engajados em representar a *Latin America*, mas sim tipos específicos de revolucionários guatemaltecos e mexicanos, respectivamente.

*American Studies*. Deste modo, encontrar relações de atributos comuns e complementares entre textos e imagens, linguagem cotidiana e linguagem acadêmica e representações são operações válidas, análogas à intertextualidade de Foucault, que ajudam a revelar o discurso de *Latin America* como algo que vai além da fronteira do que é comumente entendido como acadêmico.

## 5. Referências bibliográficas

- ANZALDÚA, G. (1987). *Borderlands: the New Mestiza = La Frontera* (1st ed.). San Francisco: Spinsters/Aunt Lute.
- BALL, T. (1993). American political science in its postwar political context. In J. Farr & R. Seidelman (Eds.), *Discipline and history: political science in the United States*. Ann Arbor: University of Michigan Press.
- BARTHES, R., & HEATH, S. (1977). *Image, music, text*. New York: Hill and Wang.
- BERGER, M. T. (1995). *Under Northern eyes: Latin American studies and U.S. hegemony in the Americas, 1898-1990*. Bloomington: Indiana University Press.
- BHABHA, H. K. (1994). *The location of culture*. London; New York: Routledge.
- BURNS, E. B., & CHARLIP, J. A. (2001). *Latin America; A Concise Interpretive History* (7th ed.). Englewood Cliffs: Prentice Hall.
- CANTRIL, H. (Ed.) (1951). *Public Opinion, 1935-1946*. Princeton: Princeton University Press.
- CAPPON, L. J. (Ed.) (1988). *The Adams-Jefferson Letters: The Complete Correspondence between Thomas Jefferson and Abigail and John Quincy Adams*. Chapel Hill: University of North Carolina.
- CHASTEEN, J. C. (2001). *Born in blood and fire: a concise history of Latin America*. New York: W.W. Norton.
- COCHRAN, T. C. (1960). Cultural Factors in Economic Growth. *Journal of Economic History*, 20(4), 515-530.
- DELEUZE, G. (1986). *Foucault*. Paris: Editions de Minuit.
- FABIAN, J. (1983). *Time and the other; how anthropology makes its subject*. New York: Columbia University Press.
- FAYERWEATHER, J. (1959). *The executive overseas*. Syracuse: Syracuse University Press.
- FERES JÚNIOR, J. (2005). The semantics of asymmetric counterconcepts: the case of 'Latin America' in the US. *Anales of the Iberoamerikanska Institutet*(7/8), 83-106.
- FERES JÚNIOR, J. (2005). *A história do conceito de Latin America nos Estados Unidos*. Bauru, São Paulo: EDUSC.
- FERES JÚNIOR, J. (2006). Building a typology of forms of misrecognition: beyond the republican-Hegelian paradigm. *Contemporary Political Theory*, 5(3), 259-277.

- FERES JÚNIOR, J. (2008). *La historia del concepto de Latin America en los EEUU*. La Rioja: Editorial de la Universidad de Cantabria.
- FERES JÚNIOR, J. (2009). Representing Latin America through pre-Columbian art: political correctness and the semantics of othering. *Theory, Culture & Society*, 26(7-8), 182-207.
- FOUCAULT, M. (1971). *The order of things: an archaeology of the human sciences*. New York: Pantheon Books.
- FUSCO, C., & WALLIS, B. (2003). *Only skin deep: changing visions of the American self*. New York; London: International Center of Photography in association with Harry N. Abrams, Inc., Publishers.
- GELL, A. (1998). *Art and agency: an anthropological theory*. Oxford; New York: Clarendon Press.
- GOMEZ, R. A. (1967). *The Study of Latin American Politics in University Programs in the United States*. Tucson: University of Arizona Press.
- GOODWIN, P. B. (1992). *Global studies. Latin America* (5th ed.). Guilford: Dushkin Publishing Group.
- GUNNELL, J. G. (1986). *Between Philosophy and Politics: the Alienation of Political theory*. Amherst: University of Massachusetts Press.
- GUNNELL, J. G. (1993). *The Descent of Political Theory: The Genealogy of an American Vocation*. Chicago: University of Chicago Press.
- HANSIS, R. (1997). *The Latin Americans: understanding their legacy*. New York: McGraw-Hill Co.
- HUGGINS, M. K. (1998). *Political Policing: The United States and Latin America*. Durham and London: Duke University Press.
- JOHNSON, J. J. (Ed.) (1964). *Continuity and change in Latin America*. Stanford: Stanford University Press.
- JOHNSON, J. J. (1980). *Latin America in Caricature*. Austin: University of Texas Press.
- JOHNSON, J. J. (1985). One hundred years of historical writing on modern Latin American by United States historians. *Hispanic American Historical Review*, 65(4), 745-747.
- KEEN, B., & ESTATE, B. K. s. (2000). *Latin American Civilization: History And Society, 1492 To The Present, Seventh Edition*: Westview Press.
- KEEN, B., & HAYNES, K. (2004). *A History of Latin America: Volume 2: Independence to the Present*: Wadsworth Publishing.
- KEEN, B., & WASSERMAN, M. (1988). *A history of Latin America* (3rd ed.). Boston: Houghton Mifflin.
- KOSELLECK, R. (1985). *Futures past : on the semantics of historical time*. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- KRESS, G. R., & VAN LEEUWEN, T. (2006). *Reading images: the grammar of visual design* (2nd ed.). New York: Routledge.
- LIPSET, S. M. (1967). Values, Education, and Entrepreneurship. In S. M. Lipset & A. E. Solari (Eds.), *Elites in Latin America* (pp. 3-60). New York: Oxford University Press.

- MARTZ, J. D. (Ed.) (1965). *The Dynamics of Change in Latin American Politics*. Englewood Cliffs: Prentice-Hall.
- MARTZ, J. D. (1971). Political Science and Latin American Studies: A Discipline in Search of a Region. *Latin American Research Review*, 6(1).
- MATTIACE, S., & CAMP, R. A. (1996). Democracy and Development: An Overview. In R. A. CAMP (Ed.), *Democracy in Latin America: Patterns and Cycles*. Wilmington: Scholarly Resources Inc.
- MIGNOLO, W. (2000). *Local histories/global designs: coloniality, subaltern knowledges, and border thinking*. Princeton, N.J.: Princeton University Press.
- MITCHELL, T. (1998). Orientalism and the exhibitionary order. In N. Mirzoeff (Ed.), *The visual culture reader* (pp. 493-505). London; New York: Routledge.
- MITCHELL, W. J. T. (1994). *Picture theory: essays on verbal and visual representation*. Chicago: University of Chicago Press.
- MORSE, R. M. (1964). The heritage of Latin America. In L. Hartz (Ed.), *The Founding of New Societies: Studies in the History of the United States, Latin America, South Africa, Canada and Australia* (pp. 123-151). New York: Harcourt, Brace and World.
- NEEDLER, M. C., & WALKER, T. W. (1971). The Current Status of Latin American Studies Programs. *Latin American Research Review*, 6(1).
- NEWTON, R. C. (1970). On 'Functional Groups', 'Fragmentation', and 'Pluralism' in Spanish American Political Society. *Hispanic American Historical Review*, 50(1), 1-29.
- NEWTON, R. C. (1974). Natural Corporatism and the Passing of Populism in Spanish America. *Review of Politics*, 36(1), 34-51.
- PACKENHAM, R. A. (1992). *The Dependency Movement; Scholarship and Politics in Development Studies*. Cambridge: Harvard University Press.
- RAMIREZ, L. E. (2007). *British representations of Latin America*. Gainesville: University Press of Florida.
- RANCIÈRE, J. (2009). *The future of the image* (Pbk. ed.). London; New York: Verso.
- ROSS, D. (1991). *The origins of American social science*. New York: Cambridge University Press.
- SAID, E. W. (1978). *Orientalism* (1st ed.). New York: Pantheon Books.
- SALVATORE, R. D. (2006). *Imágenes de un imperio: Estados Unidos y las formas de representación de América Latina*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana.
- SCHNEIDER, A. (2006). *Appropriation as practice: art and identity in Argentina* (1st ed.). New York, N.Y.: Palgrave Macmillan.
- SCHOULTZ, L. (1981). *Human rights and United States policy toward Latin America*. Princeton: Princeton University Press.
- SCHOULTZ, L. (1998). *Beneath the United States: a history of US policy toward Latin America*. London and Cambridge: Harvard University Press.
- SHOHAT, E. (1998). *Talking visions: multicultural feminism in transnational age*. New York, N.Y.: New Museum of Contemporary Art; Cambridge, Mass.; London : MIT Press.

- SIMPSON, J., & Profitt, M. (Eds.). (1997). *Oxford English Dictionary, Additions Series*. Oxford: Clarendon Press.
- SKIDMORE, T. E., & SMITH, P. H. (2001). *Modern Latin America* (5th ed.). New York: Oxford University Press.
- SMITH, P. H. (1996). *Talons of the eagle: dynamics of U.S.-Latin American relations* (first ed.). New York: Oxford University Press.
- SMITH, T. (1998). Visual regimes of colonization: aboriginal seeing and European vision in Australia. In N. MIRZOEFF (Ed.), *The visual culture reader* (pp. 483-494). London; New York: Routledge.
- SPIVAK, G. C. (1984-5). Criticism, Feminism and the Institution: interview with Elizabeth Gross. *Thesis Eleven* (10/11), 175-187.
- WIARDA, H. J. (1973). Toward a Framework for the Study of Political Change in the Iberic-Latin Tradition: The Corporative Model. *World Politics*, 25(1), 250-278.
- WIARDA, H. J., & KLINE, H. F. (2000). *Latin American politics and development* (5th ed.). Boulder, CO: Westview Press.

**Recebido em: 02/04/2017 Aceito em: 22/07/2017**